RESENHA REVIEW

Milton Torres. *A epopeia amazônica de Frei Pedro de Santo Eliseu: Viagem (1746).* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 215. 464 p.

Em 2015, as editoras da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal do Pará publicaram *A Epopeia Amazônica de Frei Pedro de Santo Eliseu:* Viagem (1746). O livro, composto de 464 páginas, contém a transcrição e o fac-símile, precedidos de um longo estudo crítico, de um poema épico até então desconhecido. Trata-se da segunda epopeia mais antiga da América Portuguesa, antecedida apenas por *Prosopopeia* (1601), de Bento Teixeira, e a primeira a transcorrer na floresta amazônica. Milton Torres, diplomata aposentado e doutor em história, encontrou o manuscrito na Biblioteca Nacional de Portugal e, percebendo a relevância do achado, propôs-se a organizar o volume.

O poema épico é atribuído a Frei Pedro de Santo Eliseu, mestre em teologia e antigo membro do convento carmelita de Belém, e recria uma expedição militar realizada em 1714, decorrente do Tratado de Utrecht. A região amazônica era palco de uma disputa territorial entre as duas coroas ibéricas, e o tratado reconhecia a soberania de Portugal sobre as terras compreendidas entre os rios Amazonas e Oiapoque. Em vista disso, D. João V ordenou a Cristóvão da Costa Freire, governador-mor do Maranhão e do Grão-Pará, a libertação de presos espanhóis feita durante o conflito. Desse modo, o sargento-mor Pascoal de Lima foi encarregado de transportar os prisioneiros pelo rio Amazonas até Nova Cartagena, situada atualmente no Peru, para devolvê-los à Espanha. O religioso carmelita, de quem se sabe muito pouco, é contemporâneo desse episódio histórico.

Com efeito, Milton Torres acha provável que ele tenha participado da expedição na qualidade de capelão.

Adotando como modelo *Os Lusíadas*, a epopeia é composta de 595 estrofes em oitava rima. A proposição do poema é a restituição dos súditos espanhóis, ordenada pelo rei e levada a cabo pelo sargento-mor. A narração detém-se na viagem de Pascoal de Lima e de sua tripulação na bacia do Amazonas, partindo de Belém em direção às Índias de Castela. Como a expedição de 1714 é bastante modesta ao lado da de Vasco da Gama, percebe-se um esforço de enaltecimento dos heróis e das ações de que tomam parte. A dedicatória do épico é feita a D. João V, que, nobre e virtuosamente, determinou a soltura dos prisioneiros. O labirinto acróstico e o soneto que antecedem o poema são dedicados a Cristóvão da Costa Freire, que, representante do poder e graça reais, executou a ordem. À semelhança de Camões, coexistem a mitologia grega, já evidente na invocação a Calíope e a Melpômene, e a fé cristã, marcada pelo culto mariano.

A epopeia divide-se em quatro partes. Inicialmente, há a invocação às musas clássicas, seguida da indicação da proposição por parte do aedo. A seguir, há a apresentação dos heróis, do rei ao sargento-mor, de modo mais extenso e detalhado quanto seja seu prestígio. Ressalte-se que D. João V tem sua genealogia devidamente reconstituída, a fim de atestar a nobreza de seu sangue. Há, sucessivamente, uma longa descrição da região amazônica, desde a nascente do rio Amazonas até seu delta, que fala da flora, fauna e topografia locais. O fingimento poético faz então surgir deuses pagãos em comunhão com a natureza tropical. Finalmente, há o início da viagem, cujo percurso fluvial é o fio condutor da ação na epopeia.

O itinerário seguido por Pascoal de Lima é marcado por paradas em missões jesuíticas ou fortificações portuguesas. Conforme a expedição se desloca, cada porto seguro, civil ou religioso, é uma oportunidade de exaltação da Igreja e do Estado. Nessas ocasiões, o aedo costuma esboçar perfis morais de personagens empíricos e evocar episódios históricos ligados ao respectivo local. Invariavelmente, faz comparações entre eles e elementos anteriores mais notáveis, como santos e eventos de maior fôlego. Dessa maneira, as embarcações aportam pela primeira vez na missão de Araticu dos Índios Bocas, onde o vate faz um longo elogio ao padre João Teixeira e às conquistas da fé na região. Analogamente, prosseguem a viagem até alcançar a missão dos frades franciscanos nas margens do rio Gurupatuba, e o aedo conta a história dos Doze de Inglaterra, também presente

em *Os Lusíadas*. Procedimentos semelhantes marcam todo o percurso, aliados à descrição da natureza amazônica.

As mitologias pagã e cristã, difusas ao longo do poema, intervêm mais diretamente na viagem em dois episódios diferentes. Já tendo escapado de uma tempestade e passado ao largo de índios antropófagos, os viajantes deixam a fortaleza de São José da Barra do Rio Negro e, ao avistar um lago, enfrentam uma tormenta ainda mais terrível. À semelhança de *Os Lusíadas*, Netuno mobiliza a fúria dos ventos, a fim de impedir o prosseguimento da viagem. O deus marinho, alegando estar cansado das afrontas desde o tempo de Camões, não quer que os portugueses também atravessem o maior rio do mundo. Todavia, Maria, invocada por meio de orações, vem ao socorro dos cristãos e pede a Jesus que os poupe. A súplica da mãe é atendida, e Eólo é apaziguado. Destaca-se que a Virgem, saudada na partida das naus, é a única figura sagrada a quem se dirige a tripulação, de modo a sempre se sobrepor às figuras pagãs.

O maravilhoso manifesta-se mais uma vez conforme Pascoal de Lima se aproxima do destino final da viagem. Seguindo o curso, chegam a São Paulo dos Cambebas, situado no limite entre os territórios português e espanhol. Para celebrar essa conquista, o aedo exalta os heróis e discorre sobre o heroísmo dos portugueses, desde o tempo dos romanos até o reinado de D. João V. Pouco depois, os navegadores avistam as ruínas da missão espanhola de San Joaquin de los Omaguas e enfrentam mais um perigo. À semelhança da Ilha dos Amores ou de Circe, ninfas da floresta aparecem e tentam desviar os heróis de sua missão. Todavia, o rio Napo intervém em favor dos cristãos. Recrimina-os por não terem expandido mais território português, até chegar às suas margens, e relembra-os de seu compromisso, recolocando-os de volta no bom caminho. Mesmo tendo perdido alguns barcos e remadores, Pascoal de Lima e sua tripulação chegam a Nova Cartagena de Santiago de la Laguna na época da Páscoa e realizam o desejo do rei, finalmente restituindo os presos espanhois.

Assim como a maioria dos épicos portugueses, *A Viagem* fundamenta-se em uma visão de mundo estamental e religiosa, que considera o rei como soberano e infalível e a fé cristã como princípio de seu reinado. Nesse sentido, o poema é um elogio à casa de Bragança e a D. João V enquanto aliados e representantes legítimos da Igreja católica. Em vista disso, o enobrecimento dos heróis visa apenas a personagens considerados dignos conforme esses dois pilares, sejam religiosos justos e pios, sejam homens a quem se es-

tende a virtude do monarca. O vate concentra a ação em Pascoal de Lima e em seus pares, relegando populações locais, como os remadores, a um segundo plano.

Como é próprio do gênero, a epopeia refrata eventos históricos a partir daquela visão de mundo monológica e narra-os com as liberdades características do fingimento poético. Os soldados, que executam uma ordem ordinária e conduzem um número pouco expressivo de prisioneiros, tornam-se heróis movidos por uma causa nobre e prontos a enfrentar perigos para defendê-la. A tripulação, composta predominantemente por mestiços e nativos, é transfigurada em damas e cavalheiros que seguem o código cortês. A viagem fluvial, realizada no rio Amazonas com embarcações modestas, ganha uma feição marítima, com direito a naus e velas. Fortes e missões ao longo do curso, provavelmente construídos com materiais à mão e de forma tosca, viram monumentos imponentes e lugares de memória, inscrevendo a ocupação do território na sucessão da conquista das Índias.

A transfiguração do real por meio do fingimento poético depende diretamente do uso da linguagem. A retórica de *A Viagem* vale-se de um português barroco, com motivos e construções frasais eruditas, e de um léxico castelhano reiteradamente presente. Nota-se também um conjunto expressivo de palavras indígenas, principalmente para nomear flora, fauna e lugares. Reconfiguradas através do ritmo, métrica e rima, há passagens de cunho naturalista, semelhantes a relatos de viagem, que, apesar de sua visão eurocêntrica, remetem a elementos naturais e a hábitos locais. De fato, Milton Torres destaca, no estudo crítico, observações sobre o meio como o cultivo do algodão, o tratamento da mandioca para consumo e a colheita de cacau.

A Viagem constitui uma descoberta importante e suscita interesse. Do ponto de vista literário, o contraste com outras epopeias mostra-se bastante produtivo. Adotando *Os Lusíadas* como modelo, incorpora alguns de seus *topoi*, deslocando-os significativamente em relação ao contexto e valor originários. Com base na proposição e em alguns versos, aponta para um espaço simbólico americano ausente de épicos brasileiros posteriores, comumente escritos e lidos em chave nacionalista. Enfim, a retórica e o léxico relativos à figuração da região amazônica servem de bom contraponto a iniciativas de românticos e modernistas brasileiros que se propuseram a representar e a recriar a natureza local.

Do ponto de vista histórico, o caráter documental e discursivo da epopeia permitem refletir sobre as relações entre a coroa portuguesa, a igreja católica e a colônia brasileira. O poema apresenta linhas de fuga em relação à visão de mundo estamental em que se fundamenta, mesmo que não tenham sido aqui abordadas. É possível inferir, a partir do épico, uma topografia amazônica real e imaginária, de modo a, com o suporte de outros documentos, distinguir como se entrelaçam, se somam e se subtraem. O estudo crítico do livro discute em parte esses pontos ao abordar a epopeia em relação ao universo mental joanino, em um jogo entre idealidade e realidade, referente e referido, diegese e estilo. Em suma, *A Viagem*, importante descoberta de Milton Torres, apresenta-se como um texto cuja novidade convida à análise.

Rafael Souza Barbosa

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS